

## **REPRESENTAÇÕES DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E DA ATIVIDADE EXTRACLASSE NAS CLASSES SECUNDÁRIAS EXPERIMENTAIS DO CAP DA UFRJ NA REVISTA ESCOLA SECUNDÁRIA (1959-1961)<sup>1</sup>**

Fernanda Gomes Vieira<sup>2</sup>, Norberto Dallabrida<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “Cultura Escolar nas Classes Secundárias Experimentais (décadas de 1950 e 1960)”

<sup>2</sup> Acadêmico (a) do Curso de Pedagogia – CEAD – Bolsista PIBIC

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de Pedagogia – CEAD – [norbertodallabrida@gmail.com](mailto:norbertodallabrida@gmail.com)

Em 1959, foi legalizada a implantação das classes secundárias experimentais: uma experiência de renovação do ensino secundário, pelo Ministério da Cultura e Educação (MEC) e Diretoria de Ensino Secundário (DES), que dentre as exigências estava a obrigatoriedade das atividades extraclasse e do Serviço de Orientação Educacional (SOE). Primeiro colégio de aplicação (CAP) criado no país, o CAP da UFRJ foi um dos pioneiros a participar legalmente da experiência, afinal já nasceu com perspectivas inovadoras, introduzindo a redução de alunos por turma, o estudo dirigido e a orientação educacional (OE). O diretor era o professor catedrático de Didática Geral e redator-chefe da Revista Escola Secundária, Luiz Alves Mattos, que defendia uma renovação do ensino secundário. Esta revista foi criada, em 1957, pela Campanha de Aperfeiçoamento do Ensino Secundário (CADES) com o objetivo de divulgar suas atividades, conhecimentos técnicos e experiências nacionais e estrangeiras na educação secundária. Assim, o presente ensaio tem como objetivo analisar a representação do Serviço de Orientação Educacional e da atividade extraclasse nas classes secundárias experimentais do CAP da UFRJ na revista Escola Secundária. Como fontes documentais foram selecionados os seguintes artigos: “Planejamento das sessões de Orientação de Grupo” e “A Orientação educacional nas classes experimentais”, de Laís Loffredi, publicado respectivamente em 1959 e 1960, que tratam das experiências do SOE nas classes experimentais; e “Ciências Naturais como atividade extraclasse”, de Cadmo Bastos, publicado em 1961, que discorre sobre uma experiência de atividade extraclasse em turmas dessas classes inovadoras. O recorte temporal parte da data da publicação do primeiro artigo analisado, em 1959, à data, do último artigo analisado, 1961. Para ler esta questão, adota-se o conceito de representação de Roger Chartier, que tem um caminho duplo: o de apresentar o ausente e apresentar a si mesmo enquanto representação. E a fim de entender a produção e circulação de periódicos no campo educacional brasileiro usou-se a perspectiva de Marta Carvalho, que relata que o periódico de função pedagógica coloca em evidência os dispositivos estratégicos de imposição de saberes e normatização de práticas, referendados por lugares de poder determinados. Dessa forma, o artigo “A Orientação Educacional nas classes experimentais” deixa claro sua intenção de representar o SOE como um elo com a sua comunidade educativa e sua função indispensável à escola. Ele atuava avaliando psicologicamente os alunos junto a avaliação de conhecimento dos professores, que culminavam nos conselhos de classe e por fim, trabalhava como a ligação de confiança com os alunos e acolhendo as famílias. Mas, é possível ver a atuação do SOE como uma tentativa de regulação a partir do gerenciamento, principalmente dos alunos, por parte do colégio, que tinha um ideal e uma identidade para preservar. O artigo “Planejamento das sessões de grupo” representa a atuação da OE na condução de percurso para os estudantes de acordo com suas aptidões,

personalidade e inteligência, com a intenção de que estes ocupem as melhores funções na construção da modernidade que estava em ascensão. A distribuição do planejamento foi feita em nove unidades que discorriam sobre o papel do SOE, do colégio, dos alunos, condutas a serem seguidas tanto para ser um bom aluno como um bom cidadão. A fim de influenciar na construção de um certo tipo de personalidade considerada normal, aceitável, boa, e o que ficasse diferenciado, diverso disso era encarado como algo a ser corrigido, redirecionado, ou simplesmente inapto. Em junho de 1959, a Revista Escola Secundária abriu um espaço para estudos focados nas atividades extraclasse. O artigo intitulado “Ciências Naturais como atividade extraclasse”, do professor Cadmo Bastos do CAP da UFRJ, relata a experiência das turmas de 1ª e 2ª série ginasial que vivência uma tentativa de interdisciplinaridade com Geografia e Artes (teatro), excursões e confecção de materiais. A metodologia utilizada para as atividades extraclasse foi um hibridismo entre a de projetos de Kilpatrick (1929) com a de centro de interesse de Jean-Olvide Decroly. Esta escolha metodológica beneficiou um dos objetivos propostos para as atividades extraclasse: a formação prática para a vida. O artigo descreve as etapas relacionadas à parte de Ciências e as visitas, com divisão das atividades docentes e discentes em cada uma delas e algumas observações, materiais utilizados e a bibliografia. Pode-se observar pela descrição resumida de cada etapa o caráter essencialmente experimental e prático das atividades extraclasse. Porém, o professor Bastos percebeu que os alunos se interessaram mais na construção do jogo, que na observação dos fenômenos meteorológicos, e a interdisciplinaridade também não funcionou como o esperado. E ele reconhece que os objetivos não seriam totalmente alcançados com aulas bissemanais, mas coloca a responsabilidade na inexperiência de vivências desse tipo pela rigidez que a educação secundária vem sendo pautada. Em conclusão, os dois primeiros artigos trazem a reflexão sobre a atuação do Serviço de Orientação Educacional, que atuou como a base desse controle nos modos educativos de ser e fazer. Reforçando o porquê da obrigatoriedade do SOE para implementação da experiência, que se baseava nos fundamentos biopsicológicos da Escola Nova, e visava aumentar a qualidade da educação e, mais que isso, da própria juventude de acordo com os interesses da sociedade moderna. A atividade extraclasse, abordada no terceiro artigo, foi usada com o intuito de avaliar essa formação para a sociedade de forma prática e in loco. A partir disso, é possível compreender o uso do hibridismo entre a metodologia de projetos e o centro de interesse, pois ambos além de possibilitarem formas práticas de aprender e a integração de disciplinas, possuem em sua base características que correspondem aos objetivos da educação renovada.

**Palavras-chave:** Classes Secundárias Experimentais. CAP da UFRJ. Ensino Secundário.